

Este artigo é parte integrante da Edição v.1, n.2, 2017

eISSN 2595-1971

DOI 10.25188/FLT-GaleriaTeologica(eISSN 2595-1971)v1.n2.2017.p47-64

Licenciado sob uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações 4.0 internacional



## A CONFISSÃO INDIVIDUAL DE PECADOS E A CONTRIBUIÇÃO LUTERANA PARA A IGREJA CRISTÃ ATUAL

PEDRO ROLFSEN ITTNER

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	49
<b>1 APONTAMENTOS HISTÓRICOS ACERCA DA CONFISSÃO</b> .....	50
1.1 A CONFISSÃO NA BÍBLIA.....	50
1.2 A CONFISSÃO NA IGREJA ANTIGA.....	50
1.3 A CONFISSÃO NA IGREJA MEDIEVAL.....	51
<b>2 A RESPOSTA LUTERANA</b> .....	52
2.1 A CRÍTICA LUTERANA.....	52
<b>2.1.1 Contrição</b> .....	53
<b>2.1.2 Confissão</b> .....	54
<b>2.1.3 Satisfação</b> .....	56
2.2 A CONTRIBUIÇÃO PRÁTICA DE LUTERO.....	57
<b>2.2.1 A contribuição educacional da confissão</b> .....	57
<b>2.2.2 A contribuição ritualística da confissão</b> .....	57
<b>3 A CONFISSÃO INDIVIDUAL DE PECADOS NA IGREJA CRISTÃ ATUAL</b> .....	59
3.1 A PRÁTICA DA CONFISSÃO INDIVIDUAL.....	60
<b>3.1.1 Como confessar?</b> .....	60
<b>3.1.2 Como ouvir uma confissão?</b> .....	61
<b>CONCLUSÃO</b> .....	63
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	64

## INTRODUÇÃO

A confissão privada veio caindo em desuso durante a história da Igreja Cristã, principalmente no âmbito do protestantismo. A sua prática tem sofrido alguns ataques, sendo tachada de um ritual “católico”, e que não deve e não precisa ser praticada pelos cristãos.

Lutero, na verdade, nunca disse tais palavras, mas pelo contrário, sempre apoiou e defendeu a confissão individual. E com grande sabedoria soube defender essa prática e trazer diversas contribuições que são necessárias para a retomada da confissão privada na Igreja Cristã do século XXI. Lutero estava ciente da importância da confissão e ao incitá-la, ele estava estimulando para que as pessoas vivenciassem seu cristianismo.<sup>1</sup>

O coração pecador, tão sedento de cura, se esqueceu que a confissão privada é de grande valor para lhe trazer restauração. Não se lembra mais como é bom sentir o abraço de Deus através do irmão que ouve, acolhe e absolve. Nunca sequer experimentou uma vez isto. Só resta a esse coração viver em definhamento, remoendo tristezas, culpa, desespero, enquanto não olha para o agir de Deus através da confissão privada.

Como encontrar essa cura que só a confissão individual pode oferecer? Como confessar pecados? Como ouvir uma confissão? Muitas dúvidas se desenvolvem quando uma prática foi esquecida há muitos anos, mas ainda é possível correr atrás do tempo perdido. Se libertar de preconceitos é o primeiro passo para que a confissão privada seja valorizada novamente.

No presente trabalho, ter-se-á, no primeiro capítulo, uma breve apresentação da história da confissão na Igreja Cristã até a Reforma; no capítulo seguinte, tratar-se-á como Lutero e Melancton reagiram criticamente à situação deturpada da qual a Igreja tratou a confissão de pecados, e o que Lutero pode contribuir, de maneira prática, para sua época; e por fim, no terceiro e último capítulo, analisar-se-á escritos mais recentes, de Dietrich Bonhoeffer e Richard Foster, que apoiaram em grande teor as ideias de Lutero, trazendo fortes contribuições para a confissão privada, mas sendo carentes de atenção pela Igreja Cristã atual.

---

<sup>1</sup> Cf. FAITH LUTHERAN CHURCH. **Private Confession (Confession and Absolution)**. Disponível em: <[http://faithcapo.com/pages/page.asp?page\\_id=354896](http://faithcapo.com/pages/page.asp?page_id=354896)>. Acesso em: 04/07/2016.

## 1 APONTAMENTOS HISTÓRICOS ACERCA DA CONFISSÃO

### 1.1 A CONFISSÃO NA BÍBLIA

Quando se trata de confissão de pecados, o tema é bastante abordado nas Escrituras: desde o Antigo Testamento o povo foi estimulado por Deus através da Lei a confessar seus pecados, acompanhado de uma penitência (Lv 5.5s; 26.40; Nm 5.7). Nos Salmos, encontramos diversas passagens de confissão do salmista a Deus pelos seus pecados (Sl 6; 32; 38, 51, 102, 130, 143),<sup>2</sup> entre outros. No Novo Testamento, não encontramos uma estrutura definida de confissão e penitência, mas sim, ordens para confissão pessoal (Tg 5.16), chamados de Jesus ao arrependimento (Lc 5.32 e 24.47), e concessão aos apóstolos e à Igreja o poder de fazer o mesmo.<sup>3</sup>

### 1.2 A CONFISSÃO NA IGREJA ANTIGA

Percebe-se que os cristãos não desprezaram essa ordem, esse chamado, e colocaram em prática na convivência comunitária. Nisso reflete o ensino da Didaqué, um livreto datado do fim do séc. I, ou seja, na época dos primeiros passos da Igreja Cristã. Em seu capítulo XIV, versículo 1, lemos a clara exortação: “reúnam-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer, depois de ter confessado os pecados, para que o sacrifício de vocês seja puro”.<sup>4</sup>

Não era admitido, naquele contexto, que algum cristão participasse da celebração do culto e da Ceia do Senhor estando em dívida com alguém. Era necessário que ocorresse arrependimento e reconciliação para a reinserção comunitária. Assim, a confissão de pecados tomava três perspectivas no primeiro caminhar da Igreja:<sup>5</sup> individual, comunitária e pública. Individual, como a própria palavra diz, diante de indivíduos, “uns aos outros”; comunitária, antes da ceia, os pecados eram confessados e perdoados na ceia; pública, quando havia motivo para excomunhão, era necessário que ocorresse confissão pública de pecados.

No processo de conversão, o neófito, não tinha a necessidade de, em seu batismo, confessar seus pecados anteriores, mas o ato batismal se tornava remissão de todos esses pecados. Entretanto, se um batizado era pego em alguma falta, este era afastado da comunhão cristã, da eucaristia, e recebia oportunidade de se reconciliar com os irmãos, através de jejum, uso de vestes penitenciais e abstinências.<sup>6</sup>

Nos séculos seguintes (séc. IIss), a penitência passa a ser regulamentada, e essa realidade passa a ser experimentada segundo o escrito “Pastor de Hermas”. Como se havia a compreensão de que fim dos tempos estava muito próximo, um sistema penitencial passou a ser estabelecido. Quem, batizado, fosse pego em pecado, teria que passar por um arrependimento sofrido, com castigo merecido, de caráter não repetível. Um primeiro sistema disciplinar penitencial estava sendo consolidado.

Nessa mesma época, em um contexto específico, da África do Norte e de Roma, a penitência ocorria pela excomunhão seguida de súplica de readmissão na comunidade, e quando se tratava de pecado sexual, idolatria ou homicídio, a pessoa era excomungada diretamente. O caráter disciplinar dessa penitência estava no fato do crente experimentar a excomunhão, mas com perdão era readmitido na comunidade. Importante observar que esse procedimento não era repetível, sendo isso

<sup>2</sup> Cf. RISEN SAVIOR LUTHERAN CHURCH. **Private Confession and Absolution: Why?** p. 1. 1 panfleto. Disponível em: <<http://nebula.wsimg.com/5a6e81ab60b731a97a03b30c0126d2e1?AccessKeyId=61752DDF3F937D2DE9C0&disposition=0&alloworigin=1>>. Acesso em: 04/07/2016.

<sup>3</sup> Cf. LINS, Hermman. Penitência e Confissão – Sacramento da Reconciliação. In: SCHMIDT-LAUBER, Han-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Kerl-Heinrich (Eds.). **Manual de Ciência Litúrgica**. v. 2. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Recursos Litúrgicos da Faculdades EST, 2013, p. 187-210. p. 187-188.

<sup>4</sup> DIDAQUÉ: O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 29.

<sup>5</sup> Cf. LINS, 2013, Hermann.

<sup>6</sup> Cf. WHITE, James F. **Introdução ao Culto Cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 207.

também de caráter disciplinar ao crente: consciente de sua última chance, buscava viver uma vida mais reta.

Essa penitência não repetível passou a ter caráter dogmático para alguns grupos, principalmente para os montanistas, chegando ao campo da heresia. Ou seja, para a Igreja era uma obrigação dogmática, que quem cometesse algum pecado mortal ou vivesse em apostasia, sofreria o castigo de ser excluído da comunhão cristã de uma vez por todas. Entretanto esse sistema rigoroso e herético não se estabeleceu de forma geral e a Igreja percebeu que era necessária a readmissão na comunidade, mas não deixaram de aplicar diversos e pesados castigos de penitência que visavam o arrependimento. Assim, pelo sofrimento, o penitente se arrependia do pecado cometido.

No século IV, com a oficialização do cristianismo como religião do Império Romano por Constantino, a Igreja sofreu um exponencial aumento de adeptos. Perante tantas pessoas, foi necessário implantar um novo sistema penitencial que fosse condizente com a situação. Entretanto, por um lado as penitências acabaram se abrandando na prática eclesial, se reduzindo ao pagamento de indulgências, criadas pelo Papa Leão I, em 459. E por outro lado se concentrando nos mosteiros de forma radical. Dessa forma, as pessoas que cometessem algum delito grave eram submetidas à vida monástica, destituída de casamento e profissão, mas regada de obras de penitência e reclusão social. Ou seja, a penitência acabara por se tornar um ato contínuo durante toda a vida.

### 1.3 A CONFISSÃO NA IGREJA MEDIEVAL

Paulatinamente, na Idade Média, do século VII até a Reforma, a Igreja passou a considerar a confissão como o único modo de penitência, e conseqüentemente, adquiriu caráter privado e repetível. Nessa nova situação, a confissão começou a acontecer regularmente: não apenas pecados “mais graves” eram confessados, mas todos eles, quebrando essa distinção. A partir do século IX a absolvição passou a se juntar à confissão, precedendo às obras penitenciais, que acabaram sendo separadas do conjunto, seguidas de tarifas conforme a transgressão.

Hermann define que “a própria confissão, como primeiro ato expiatório e como sinal de um arrependimento perceptível, ganhou poder de redimir pecados. O ‘enrubescimento’ que acompanha a auto humilhação tornou-se a senha desse procedimento”.<sup>7</sup> A confissão era, portanto, – e o é ainda hoje, na Igreja Católica Apostólica Romana<sup>8</sup> - realizada exclusivamente ao sacerdote - o qual tinha autorização para proferir as palavras de absolvição – e obrigatória pelo menos uma vez ao ano, para que se fosse permitido participar da Ceia.<sup>9</sup> Confessar-se acabara se tornando o único caminho para alcançar o perdão, a Graça de Deus e a salvação. O sacerdote ordenado era a única intermediação que o crente poderia ter a Deus. O sacramento havia sido, desse modo, monopolizado pela Igreja e pelo clero.<sup>10</sup>

Perante pestes, fome, desgraça, e a morte que assombrava a todos, a população desesperadamente confessava seus pecados, e temendo, pagavam as penitências dando o máximo de si. “Peregrinações, compra de indulgências, encomenda de missas em favor das almas de vivos e mortos eram fenômenos que se multiplicavam em toda parte”.<sup>11</sup> A Igreja tinha a população em suas mãos, e a controlava conforme lhe trazia lucros. Ela havia se tornado perseguidora de seus próprios adeptos; Deus, um juiz pronto a lançar almas ao inferno; e a salvação, um ideal a ser alcançado percorrendo um caminho de sofridas obras e grandes gastos financeiros.

<sup>7</sup> Cf. LINS, 2013, p. 195.

<sup>8</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, Papa (1978-2005: João Paulo II). **Código de Direito Canônico**: Codex Iuris Canonici. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1987. p. 431-439.

<sup>9</sup> Cf. WHITE, 1997, p. 207, como consequência de decretos de Concílios da Idade Média.

<sup>10</sup> Cf. SCHWAMBACH, Claus. Cristãos Protestantes têm confessionário? Sobre confissão e absolvição. In: **Revista Orientação**. São Bento do Sul, n. 5, jan.-jun./2016, p. 33-35.

<sup>11</sup> Cf. LINS, 2013, p. 198.

## 2 A RESPOSTA LUTERANA

Perante à exploração desenfreada da Igreja, centrada em lucros e bens materiais através das indulgências, Martinho Lutero tomou a sua posição. Como recebeu influências humanistas, se dedicou à busca dos originais, sendo assim, seus estudos se fundamentaram nas Escrituras Sagradas, em suas línguas primas – grego e hebraico. E tudo o que ele via não condizer com a Palavra de Deus, buscou criticar e aniquilar da Igreja Cristã. Em 31 de outubro de 1517 pregou suas 95 teses na porta da Igreja de Wittenberg marcando o início da Reforma Protestante. A partir de seus intensos estudos e descobertas acerca da Salvação e perdão de pecados, começou ali a desenvolver seu pensamento teológico e a divulgar a suas ideias.

Infelizmente as autoridades eclesiásticas não aceitaram sua proposta de Reforma e o excomungaram. Lutero não queria fundar uma Igreja, apenas reformar a Igreja Cristã contemporânea, de forma que abraçasse unicamente as Escrituras. Mas na realidade da excomunhão, e do crescente número de adeptos, a Igreja Luterana surgia.

Em se tratando de confissão de pecados, a posição Luterana pode ser sistematizada em dois pontos que convergem na sua contribuição ao assunto. Primeiramente é apresentada a crítica de Lutero e de Melanchton em relação à prática do sacramento da penitência na Igreja Medieval; e em seguida a contribuição educacional e ritualística de Lutero, abordando a compreensão prática da confissão para ele.

### 2.1 A CRÍTICA LUTERANA

Em um breve capítulo da obra “Do cativo babilônico da Igreja”,<sup>12</sup> Lutero reconhece o quão polêmico é o assunto do sacramento da penitência. “Nessa matéria ofendi a muitos com os pequenos tratados e disputas que já editei. Expus abundantemente o que pensava a respeito desse assunto. Agora devo repeti-lo, brevemente, para revelar a tirania que predomina aqui [...]”.<sup>13</sup> Ele não se cala ou se envergonha, mas decide encarar e expor seus pensamentos.

Melanchton comenta quão confuso era esse tema antes de Lutero, e mostra como ele auxiliou para que tudo se organizasse. Ninguém, tanto teólogo quanto leigo, conseguia explicar de maneira clara o que era a doutrina do arrependimento, que deveria acompanhar o sacramento da penitência. A Igreja havia tomado as dores, e os pecados dos homens não eram mais contra Deus, mas contra a instituição eclesial.<sup>14</sup> Consequentemente a Igreja passou a pregar a ira, a lei, a obra, e o Deus de amor que se dá numa cruz foi deixado de lado; a fé verdadeira, que é a marca do cristão, presente de Deus e meio de relacionamento entre ambos, havia sido colocada em segundo plano. A fé havia sido corrompida de forma que era compreendida como a certeza da ira de Deus, e não a certeza da gratuidade do perdão em Jesus Cristo, seu real significado.

Lutero, por sua vez, afirma que este sacramento foi extinto durante a história da Igreja, mais especificamente no período ao qual se denomina hoje de Idade Média. “O primeiro e capital mal desse Sacramento está no fato de que aboliram-no totalmente, sem deixar nenhum vestígio”.<sup>15</sup> O verdadeiro significado da penitência havia sido esquecido e o arrependimento acabara se tornando um sistema de obras de compensação.

Lutero pretendia resgatar os valores perdidos – o sacramento da penitência não poderia ficar mais apenas no domínio dos líderes da Igreja. “Assim não podes negar que, se o Batismo não foi confiado apenas a Pedro, também as chaves não podem ser arrogadas apenas à ímpia tirania do

<sup>12</sup> LUTHER, Martin. **Do cativo babilônico da Igreja**: um prelúdio. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

<sup>13</sup> LUTHER, 1982, p. 88.

<sup>14</sup> MELANCHTON, Philipp. Apologia da Confissão. In: DREHMER, Darci (Ed.). **Livro de Concórdia**. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006. p. 193.

<sup>15</sup> LUTHER, 1982, p. 89.

Papa”.<sup>16</sup> Neste trecho, Lutero quer tirar do poder tirano do papa o ofício das chaves;<sup>17</sup> o poder de ligar e desligar já aqui na terra o que está no céu, não estava sob o domínio de apenas uma pessoa, ou de um seletto grupo. Também nas 95 teses de Lutero, já prontamente na segunda, ele deixa claro que o sacramento da penitência não está de acordo com as palavras de Jesus Cristo,<sup>18</sup> apresentadas na tese anterior. O arrependimento, estimulado por Jesus, não deve ser preso às mãos dos líderes da Igreja,<sup>19</sup> afinal, são eles mesmos os responsáveis pelo esquecimento da fé, e pela catástrofe que chegou o sacramento da penitência.

Tanto Lutero, quanto Melancton, sistematizam suas críticas acerca do sacramento da penitência, olhando ambos para três aspectos – Contrição, Confissão e Satisfação - que seguem o sacramento, trazendo seus aportes e comentários, analisando sempre através das Sagradas Escrituras. Por isso analisa-se essa estrutura, entendendo os problemas e as soluções apresentadas.

### 2.1.1 Contrição

A contrição nada mais é do que a dor que se sente ao perceber a ira de Deus sobre o pecado. Aquela dor que define o coração, que torna o homem a se encolher, gemendo de dor, consciente de sua culpa e iniquidade. A contrição é o reconhecer da própria mediocridade, envolto em terrores, vendo que nada é possível fazer, e que somente resta a morte. Afinal, a morte é o caminho que o ser humano trilha no pecado, longe de Deus. Esse é o primeiro momento do sacramento da penitência, quando a Palavra de Deus revela a ameaça sob a qual o ser humano se encontra, trazendo consciência de sua perdição,<sup>20</sup> percebendo-se necessitado.

Como a Igreja havia marginalizado a fé, Lutero diz que não eram mais ensinadas as causas da contrição do coração.<sup>21</sup> Apenas se falava da ameaça de Deus, e a necessidade do coração contrito, e dessa forma se perdiam no meio desse caminho, pois a verdadeira fé, em Cristo Jesus, não era visualizada. Lutero defende que a contrição só é possível pela fé. Ela é o meio em que a ameaça divina transforma o coração humano em um coração contrito.

Juntamente com essa ameaça divina, Lutero coloca a promessa. Ele não exclui de sua compreensão a ira de Deus, pois esta é verdadeira, real, mas não é única. Não é possível falar apenas de um Deus ameaçador, mas é necessário falar de Deus que promete Vida Eterna, que ama a humanidade e que morre para remir os pecados. Através da fé então, esses dois lados, de ameaça e de promessa, se tornam a contrição e o consolo.<sup>22</sup> A Palavra de Deus, então, apresentada pela fé, que revela a ameaça de Deus sobre a humanidade; lhe dá a consciência da perdição; e deixa o coração humano contrito, é a mesma que apresenta Jesus Cristo; que mostra o amor de Deus, a promessa da Vida Eterna; e traz consolo ao pecador.

Melancton complementa, dizendo que onde apenas a ira de Deus é pregada, ali somente será presente o desespero. Para ele o arrependimento é composto de dois aspectos: a contrição e a fé. Ambas, intrinsecamente ligadas, geram o arrependimento humano. Mas é pela fé que a remissão de pecados acontece, e unicamente através dela que a contrição e o arrependimento se tornam autênticos.<sup>23</sup> Para Melancton, assim como para Lutero, a contrição é um terror, mas ele complementa

<sup>16</sup> LUTHER, 1982, p. 90.

<sup>17</sup> Cf. Mt 18.18, tudo o que é ligado e desligado na terra, é também no céu. Pecados confessados e perdoados aqui na terra, são perdoados por Deus. Logo, o perdão concedido é dom divino.

<sup>18</sup> Palavras de Cristo encontradas em Mt 4.7, cf. LUTHER, Martin. **As 95 teses de Martinho Lutero**. Porto Alegre: Concórdia, p. 2. “1ª tese”.

<sup>19</sup> Cf. LUTHER, Martin. **As 95 teses de Martinho Lutero**. Porto Alegre: Concórdia, p. 3. “2ª tese”.

<sup>20</sup> Cf. MELANCTON, 2006, p. 196-197.

<sup>21</sup> Cf. LUTHER, 1982, p. 92.

<sup>22</sup> Cf. LUTHER, 1982, p. 92.

<sup>23</sup> Cf. MELANCTON, 2006, p. 198.

dizendo que é o momento do reconhecimento da necessidade da mortificação da carne, para que o Espírito possa ser vivificado através da fé.<sup>24</sup>

Melanchton é categórico, afirmando que a remissão dos pecados não depende da contrição do coração, mas da fé que se segue. Lutero também diz que “Deus não te olha por causa disso [contrição], mas por que creste nas ameaças e promessas”.<sup>25</sup> Afirmar que a contrição é decisiva para a remissão dos pecados, é o mesmo que defender que a salvação acontece por obras; que o que o ser humano faz, ou como se sente, pode acalmar a ira de Deus e assim ser salvo, e foi contra este grande erro da Igreja Medieval que Lutero estava lutando na Reforma Protestante.

### 2.1.2 Confissão

Confissão é a exposição dos pecados propriamente dita. É quando o coração, de tão contrito e dolorido, consciente da ira de Deus, explode em palavras, exprimindo e relatando os erros cometidos, as falhas, pensamentos e atitudes que não foram de acordo com a Palavra de Deus. A confissão pode ocorrer de diversas formas, sendo elas, dirigida a Deus (em oração; de forma litúrgica); ou dirigida ao próximo (pública ou privada).<sup>26</sup>

A Igreja Medieval insistia que a confissão dos pecados deveria ser enumerada, ou seja, todos os pecados cometidos deveriam ser confessados, escalonados e listados, para que assim pudessem ser redimidos por Deus. Entretanto Melanchton se preocupa com essa enumeração; ele afirma, pois, que existem muitos pecados que são cometidos inconscientemente, ou mesmo acabam por esquecidos, em meio a tantos erros. Listar todos os pecados cometidos é impossível para o coração humano, por isso não é necessário que aconteça na confissão.<sup>27</sup> Ele se preocupa que o ser humano não consiga ter paz e segurança de consciência, e não ter assim a certeza da completude de sua confissão, e certeza da sua redenção. “Quando é que estará segura a consciência de que a confissão é completa?”.<sup>28</sup>

Novamente o pensamento medieval perambula no mesmo círculo: as obras. Coloca a redenção e a salvação como dependentes de alguma obra, assim a ação de Deus depende de algo que o ser humano faça para que seja autêntica. Nesta situação da confissão, o esforço humano em cavoucar sua consciência, buscando relatar cada ínfimo erro, passa a ser considerado como redentor. Entretanto isso é desesperador, pois o ser humano quando descobre a sua incapacidade de se redimir, e não sabe que quem o faz é Deus, só lhe resta encarar a perdição. Por isso justamente a Reforma Protestante identifica esse teor em cada âmbito da teologia medieval, buscando realizar mudanças.

Contudo, Lutero ia mais além em seu pensamento: ele buscava romper com a hierarquia dentro da Igreja Medieval, que distinguia entre clérigos e leigos. “Não há cargos que o levem mais próximo de Deus. Ele já desceu em Jesus e ficou perto dos pecadores. A justificação pela fé nos concede um sacerdócio, que se traduz, na verdade, em um Ministério”.<sup>29</sup> Dessa forma, Lutero reagiu fortemente à tirania da Igreja sobre a confissão. Todo o poder das chaves estava concentrado unicamente nas mãos dos clérigos, o que tornou o sacramento da penitência uma ditadura, e uma máquina de lucros.<sup>30</sup> O que havia acontecido era que esse sacramento perdeu seu próprio caráter sacramental – não havia mais Palavra de Deus; não havia mais fé; mas havia se tornado instrumento de manipulação de massas.

<sup>24</sup> Cf. MELANCHTON, 2006, p. 198.

<sup>25</sup> Cf. LUTHER, 1982, p. 93.

<sup>26</sup> Cf. LUTHER, Martin. **Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2012. p. 131.

<sup>27</sup> Cf. FAITH LUTHERAN CHURCH. **Private Confession (Confession and Absolution)**.

<sup>28</sup> Cf. MELANCHTON, 2006, p. 209.

<sup>29</sup> HOFSTÄTT, Leandro. **O que é sacerdócio geral de todos os crentes?** Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/sacerdocio-geral-de-todos-os-crentes>>. Acesso em 29 de junho de 2016.

<sup>30</sup> Cf. LUTHER, 1982, p. 93.



Os líderes eclesiais abusavam do poder que lhes havia sido concedido, distribuindo às pessoas que confessavam densos castigos penitenciais para que seus pecados pudessem ser compensados. Ele afirma que a partir dessas obras a fé em Deus passa a ser extinta, e assim os castigos penitencias tomam o lugar de Deus, ou seja, não passam de idolatria.<sup>31</sup>

Perante essa situação, Lutero poderia criticar a confissão individual, entretanto reconhece que o problema não estava nesse modo de confissão, mas no que havia se transformado com a negligente corrupção dos sacerdotes. Inclusive mostra seu apreço por ela quando diz “ela [confissão secreta] me agrada muito, é útil e até necessária; também não gostaria que não existisse”.<sup>32</sup> Além de considerá-la agradável, Lutero reconhece a sua importância “pois ela é o único remédio para as consciências aflitas”.<sup>33</sup>

A confissão de pecados entre irmãos, os coloca em um mesmo patamar, sem divisão hierárquica. Nesse momento não existe mais o melhor, nem o pior; o mais próximo de Deus, ou o mais longe; todos os cristãos, fraternamente se confessando, se encontram no mesmo nível: pecadores carentes da glória de Deus.<sup>34</sup>

Se descobrimos a nosso irmão nossa consciência e revelamos com ingenuidade o mal oculto, recebemos da boca do irmão a palavra do consolo<sup>35</sup> proferida por Deus. Quando a aceitamos em fé, obtemos paz na misericórdia de Deus por meio do irmão que nos fala.<sup>36</sup>

Quando um irmão ouve a confissão de outro, está exercendo o seu sacerdócio geral, o seu chamado a servir a Deus; e quando este absolve o irmão de suas falhas está sendo um porta voz de Deus, trazendo a sua Palavra ao irmão aflito. Sim, Evangelho de Jesus Cristo é anunciado ao irmão que se arrepende, e Palavra esta que traz a fé à vida do pecador.<sup>37</sup> Através da absolvição a fé é tanto concedida quanto confirmada. Melancton afirma que a fé abole a contrição do coração e promove uma vida nova. Ou seja, através da fé, o Espírito Santo age na vida do cristão gerando essa mudança, e essa é a satisfação, que será tratada em breve. Outrossim, não é possível que haja uma verdadeira absolvição sem fé, como a Igreja Medieval estava praticando.<sup>38</sup>

E tendo sido perdoado, Lutero afirma que é válido e derradeiro, ou seja, não é necessário comunicar ou denunciar à Igreja a ocorrência da confissão, o sigilo é garantido. Pois todo cristão<sup>39</sup> tem a autorização divina de anunciar o perdão ao irmão, tem o poder das chaves, conforme Cristo anunciou em Mt 18.18.<sup>40</sup>

Com a própria passagem que concede aos clérigos o poder das chaves, Lutero consegue argumentar de que essa autorização é para todas as pessoas que creem em Cristo, de que não existe distinção de classes eclesiais, mas todos crentes são membros do corpo de Cristo.

<sup>31</sup> Cf. LUTHER, 1982, p. 95.

<sup>32</sup> LUTHER, 1982, p. 94.

<sup>33</sup> LUTHER, 1982, p. 94.

<sup>34</sup> Cf. LUTHER, 1982, p. 97, Lutero, neste viés, também aconselha que as circunstâncias dos pecados devem ser desprezadas, afinal, “Entre cristãos há apenas uma circunstância, que é o fato de que o irmão pecou.”

<sup>35</sup> Como já dito anteriormente, este consolo é fruto da promessa divina de Vida Eterna e da fé.

<sup>36</sup> LUTHER, 1982, p. 94.

<sup>37</sup> Cf. Rm 10.17

<sup>38</sup> Cf. MELANCTON, 2006, p. 200-201.

<sup>39</sup> Cf. LUTHER, 1982, p. 95.

<sup>40</sup> “Digo-lhes a verdade: Tudo o que vocês ligarem na terra terá sido ligado no céu, e tudo o que vocês desligarem na terra terá sido desligado no céu.”. Cf. Mt 18.18. BÍBLIA. Português. Nova Versão Internacional. Traduzido pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2000.

### 2.1.3 Satisfação

Satisfação é a resposta que acontece na vida do ser humano que teve seu coração contrito aliviado pelo efeito da fé após a confissão. O Espírito Santo age na vida do cristão, entregando-lhe novo fôlego e energia para viver, o movendo para que aja conforme a vontade de Deus.

Neste momento do sacramento da penitência, Melancton se preocupa com a forma como a Igreja Medieval havia tratado um sistema disciplinar que havia sido instaurado nos primeiros séculos da Igreja. Os clérigos haviam preenchido esse sistema com castigos penais, e a estes com superstições, considerando-os salvíficos.<sup>41</sup> Lutero, nas 95 teses afirmou: “Este joio, que é o de se transformar a penitência e satisfação, previstas pelos cânones ou estatutos, em penitência ou penas do purgatório, foi semeado quando os bispos se achavam dormindo”.<sup>42</sup> Foi assim que o sacramento da penitência acabou sendo deturpado, e de maneira sorradeira, um sistema penal foi imposto. Melancton denomina esse sistema como “satisfação canônica”.<sup>43</sup> A Igreja pensava que através dessas satisfações poderiam agradar e amansar a Deus, livrando o pecador de castigo, e remindo-lhe os pecados. Ele reagiu:

Satisfações canônicas não são necessárias de direito divino para a remissão de pecados, da mesma forma como para a remissão de pecados não foram necessários, de direito divino, aqueles antigos espetáculos de satisfações em penitência pública.<sup>44</sup>

Lutero também afirmava que de nada adiantavam os jejuns, peregrinações, rezas, vigílias, pois eram somente uma forma de satisfazer ao coração contrito, e não satisfaziam ao coração de Deus.<sup>45</sup> Ele dizia ser uma tortura homicida que havia sido imposta para assolar os cristãos. E aqueles, ainda, que não conseguiam realizar as obras da satisfação, eram convidados a gastar de suas finanças para a compra de indulgências, o principal meio de lucro do “mercado Igreja”. Os clérigos afirmavam que quem não cumprisse as obras, teriam que as cumprir no purgatório, e assim impulsionavam o lucro da Igreja. A população, pobre e miserável, gastava o que tinha para que se alcançasse um falso perdão e uma falsa esperança de Vida Eterna.

Ambos, Lutero e Melancton negam e denunciam a obrigatoriedade de qualquer satisfação canônica para que se alcance a salvação. “Pois deve reter-se a sentença de que obtemos remissão de pecados pela fé, por causa de Cristo, não em virtude de obras nossas precedentes ou sequentes”.<sup>46</sup> Não existe preço que precise ser pago, pois o perdão de Deus é gratuito através de Jesus Cristo.

A mudança de vida, ou a mortificação da carne, havia sido esquecida. Isso por que é obra do Espírito Santo através da fé. Como a fé não era mais encontrada no pensamento da Igreja, a satisfação havia se tornado obras, pois onde falta a fé, as obras tentam compensar. Melancton<sup>47</sup> e Lutero<sup>48</sup> defendem que a verdadeira satisfação é justamente e unicamente a mortificação da carne. Para Lutero, o maior exemplo disso é quando Jesus Cristo, em Jo 8.11,<sup>49</sup> ordenou que a mulher adúltera não pecasse mais, absolvendo-a de seus pecados. Após a absolvição, o cristão ouve o imperativo de Cristo, para que agora, livre de seu fardo, torne a caminhar, e que se lembre de desviar do caminho do pecado.

<sup>41</sup> Cf. MELANCTON, 2006, p. 210.

<sup>42</sup> Cf. LUTHER, Martin. **As 95 teses de Martinho Lutero**. Porto Alegre: Concórdia, p. 5. “11ª tese”.

<sup>43</sup> Cf. MELANCTON, 2006, p. 210.

<sup>44</sup> MELANCTON, 2006, p. 210.

<sup>45</sup> Cf. LUTHER, 1982, p. 98.

<sup>46</sup> MELANCTON, 2006, p. 210.

<sup>47</sup> MELANCTON, 2006, p. 220.

<sup>48</sup> Cf. LUTHER, 1982, p. 99.

<sup>49</sup> Cf. LUTHER, 1982, p. 99.

## 2.2 A CONTRIBUIÇÃO PRÁTICA DE LUTERO

Lutero não apenas apresentou o seu pensamento crítico acerca do sacramento da penitência e da confissão, mas como também esteve contribuindo para a sua forma ritualística, apresentando um modelo a ser seguido, e como deve ser ensinado. Em seus Catecismos, tanto o Menor quanto o Maior, Lutero debate resumida, mas enfaticamente, sobre o tema.

### 2.2.1 A contribuição educacional da confissão

No Catecismo Maior,<sup>50</sup> Lutero resume e atualiza toda a sua crítica, já apresentada nos pontos anteriores, para que seja usada no âmbito da educação cristã. Seu pensamento agora é redigido para que leigos possam refletir e entender sobre a prática da confissão.

Ele quer ressaltar três pontos importantes que devem ser lembrados sobre a confissão: ela não deve ser obrigatória; nela os pecados não devem ser enumerados; e ela deve ser fonte de consolo e fortalecimento da consciência.<sup>51</sup>

Lutero divide a confissão em duas categorias: a Deus e aos irmãos. E ambas são legitimadas a partir das palavras do Pai-Nosso “Perdoa-nos a nossa dívida, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”.<sup>52</sup> Essas palavras deixam claro que é necessário que haja reconciliação e também a confissão entre irmãos para que depois possa haver reconciliação com Deus.<sup>53</sup> E dessa forma a confissão pública é também legitimada, pois todos os seres humanos são igualmente pecadores, e o medo de ser pior do que o próximo não deve ser uma realidade.<sup>54</sup>

A confissão privada, a um irmão, deve então ocorrer quando existe angústia pesando e precisa ser aliviada. Assim a Palavra de Deus, que traz consolo, é colocada na boca do irmão, que acolhe o angustiado lhe trazendo paz.<sup>55</sup> Ela não deve ser uma regra, e não precisa ser ordenada; deve ser aconselhada a todo cristão, para que encontre tranquilidade em meio às tempestades de suas falhas. Lutero estranha e questiona se um irmão é realmente cristão se por acaso recusa a confissão privada,<sup>56</sup> pois ela é como alimento para o necessitado; ela é o próprio Evangelho para o cristão, que tem sede de perdão.

E houveram os que acabaram se aproveitando da liberdade acerca da confissão que Lutero trouxe, tirando vantagem e se aproveitando do Evangelho. “Infelizmente, assimilaram-no tão bem que fazem o que bem entendem, usando a liberdade como se nunca mais precisassem se confessar”.<sup>57</sup> A essas pessoas Lutero afirma que não deveriam ter experimentado de tal liberdade e que deveriam estar sob a tirania do papa, pois é o que merecem; e inclusive são desprezadas por Lutero, sendo denominadas como “cachorros”.<sup>58</sup>

### 2.2.2 A contribuição ritualística da confissão

No Catecismo Menor,<sup>59</sup> a sua contribuição tem teor mais ritualístico, ou litúrgico. Isto é, Lutero traz na prática como realizar a confissão individual. Esse tema recebe uma sessão especial no livro,

<sup>50</sup> LUTHER, 2012, p. 130ss.

<sup>51</sup> Cf. LUTHER, 2012, p. 130.

<sup>52</sup> Cf. a oração do Pai-Nosso, extraída do texto bíblico de Mt 6.9-13

<sup>53</sup> Cf. LUTHER, 2012, p. 131.

<sup>54</sup> Cf. LUTHER, 2012, p. 131.

<sup>55</sup> Cf. LUTHER, 2012, p. 132.

<sup>56</sup> Cf. LUTHER, 2012, p. 134.

<sup>57</sup> LUTHER, 2012, p. 130.

<sup>58</sup> Cf. LUTHER, 2012, p. 130.

<sup>59</sup> LUTHER, Martin. **Vida em Comunidade**: Comunidade – Ministério – Culto – Sacramentos – Visitação – Catecismos – Hinos. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 462. (Obras Seleccionadas, v. 7)

intitulada “Como se deve ensinar as pessoas simples a se confessarem”.<sup>60</sup> Lutero quer que esse tesouro seja acessível para todos, até para as pessoas mais humildes.

Quando começa explicando, separa a confissão em duas partes: a confissão propriamente dita; e a absolvição. No Catecismo Maior Lutero já havia feito essa divisão, e denominado ainda que a confissão é o que o ser humano faz, enquanto que, o mais importante, a absolvição, é feita por Deus.<sup>61</sup>

No Catecismo Menor, Lutero afirma que perante Deus se deve confessar todos os pecados, inclusive aqueles dos quais não são lembrados, ou considerados importantes. Mas perante o irmão se pode confessar dos quais se tem pesar de culpa no coração.<sup>62</sup> E esses pecados devem ser analisados à luz dos dez mandamentos, explanados já anteriormente no próprio livro.<sup>63</sup>

Lutero é bem prático, entregando palavras exemplificadoras que podem ser seguidas na confissão: “Eu, pobre pecador, confesso-me perante Deus culpado de todos os pecados [...]”.<sup>64</sup> Ele destaca a importância de não se inventar pecados, ou estimular assim algum sentimento que não seja legítimo, para que não seja forçado um martírio, uma auto vitimização.

Crendo no perdão, o confessor poderá absolver o pecador, e para isso Lutero traz palavras concretas:

“Deus seja misericordioso para contigo e fortaleça a tua fé. AMÉM”

“Crês que o meu perdão é o perdão de Deus?”

“Sim, amado senhor”

Então dirá: “Como crês, assim seja contigo (Mt 8.13). E eu, por ordem de nosso Senhor Jesus Cristo, perdoo-te os teus pecados, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém. Vai em paz.” (Mc 5.34; Lc 7.50; 8.48).<sup>65</sup>

Lutero usa de passagens bíblicas e estimula que o confessor busque outras passagens ainda, consolando e estimulando a fé na pessoa que acabou de ter seus pecados confessados e absolvidos. De forma didática e resumida, Lutero apresenta exemplos de como a confissão deve ocorrer. “Isto aí apenas quer ser um modo comum de confissão para as pessoas singelas”.<sup>66</sup>

---

<sup>60</sup> LUTHER, 2000, p. 462.

<sup>61</sup> Cf. LUTHER, 2012, p. 132.

<sup>62</sup> Cf. LUTHER, 2000, p. 462.

<sup>63</sup> Cf. LUTHER, 2000, p. 451-454.

<sup>64</sup> LUTHER, 2000, p. 463.

<sup>65</sup> LUTHER, 2000, p. 463-464.

<sup>66</sup> LUTHER, 2000, p. 464.

### 3 A CONFISSÃO INDIVIDUAL DE PECADOS NA IGREJA CRISTÃ ATUAL

Lutero havia percebido como a confissão de pecados havia sido deturpada na Igreja Medieval; sua forma genuína de acontecer havia sido esquecida, por consequência da tirania dos clérigos. Mesmo ainda ocorrendo, seu caráter consolador havia sido substituído por um terror, um fardo a ser carregado pelas pessoas. Na Igreja Cristã atual a confissão também está sendo esquecida, a cada dia mais caindo em desuso, e rebaixada como desnecessária, entretanto os motivos não são tão semelhantes.

Richard Foster, em seu livro, “Celebração da disciplina”,<sup>67</sup> escrito para a Igreja atual, apresenta dois motivos pelos quais ele percebe a falta da confissão individual na Igreja.<sup>68</sup> Primeiramente ele cita a negação protestante de que se necessite de um intermediador entre Deus e os homens, além de Jesus Cristo, baseada no texto de 1Tm 2.5.<sup>69</sup> Esta, está intrinsecamente ligada à negação de Lutero quanto à obrigatoriedade da confissão aos clérigos, apresentada no capítulo anterior.<sup>70</sup> Essas mudanças desamarraram os cristãos da tirania papal, e muitos deles caíram no outro extremo, se negando a confessar, visto que não se considera mais como um ato necessário. Para essas pessoas, Lutero já havia deixado a sua crítica no Catecismo Maior, mas ela atinge também a Igreja Cristã atual, que seguindo essa mentalidade, herdou o abandono da confissão privada/individual.

Foster destaca a necessidade da confissão individual nos dias de hoje, a partir da exortação de Tg 5.16.<sup>71</sup> Para ele, tanto a confissão só a Deus, quanto a confissão aos irmãos, se baseiam na Bíblia, são válidas e autênticas, e ambas não se excluem. Ele, ainda, em outro trecho destaca a importância e abrangência terapêutica da confissão, dizendo que

Sem a cruz, a disciplina da confissão seria terapêutica apenas no âmbito psicológico; é, todavia muito mais que isso. Envolve uma mudança objetiva em nosso relacionamento com Deus, além de uma mudança subjetiva em nós. É um veículo de cura e de transformação do espírito.<sup>72</sup>

Um segundo motivo, apresentado por Foster, que impede que os irmãos se confessem mutuamente na Igreja Cristã é o medo que se tem de confessar. As igrejas estão cheias de intitulados “santos”, de pessoas que se dizem piedosas e que dizem cumprir a vontade de Deus, e o espaço para quem se reconhece pecador é limitado. Assim, temerosos de julgamento, evitam que seus erros sejam trazidos à tona, evitando a confissão. Foster diz que esse medo está presente em todos, mas que basta apenas um se confessar para que isso comece a se tornar costume nos meios eclesiais.

Dietrich Bonhoeffer, em seu livro “Vida em comunhão”,<sup>73</sup> afirma, semelhantemente a Foster, mesmo escrito décadas antes, que por medo de serem julgadas, as pessoas preferem esconder seus pecados, vivendo apenas para si mesmas.<sup>74</sup> Entretanto o enfoque de Bonhoeffer é apontado para o caráter comunitário da vida cristã, e como a confissão privada tem a contribuir com o assunto. Ele afirma que confessar é trazer os pecados à luz do Evangelho, que até então, mesmo em comunhão, estava nas trevas. A partir de então pode-se experimentar a comunhão de forma genuína.<sup>75</sup> Isso acontece por que a raiz de todos os pecados humanos é a soberba, o orgulho, mas quando confessado o pecado, essa barreira egoísta é desmoronada, e o cristão já não vive para si mesmo.<sup>76</sup> E também

<sup>67</sup> FOSTER, Richard J. **Celebração da disciplina**: o caminho do crescimento espiritual. 2. ed. São Paulo: Vida, 2007.

<sup>68</sup> Cf. FOSTER, 2007, p. 206.

<sup>69</sup> “Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus”. Cf. 1Tm 2.5. BÍBLIA, 2000.

<sup>70</sup> Cf. discutido anteriormente na p. 13.

<sup>71</sup> “Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz.”, Cf. Tg 5.16. BÍBLIA, 2000.

<sup>72</sup> FOSTER, 2007, p. 205.

<sup>73</sup> BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. 10. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

<sup>74</sup> Cf. BONHOEFFER, 2015, p. 97.

<sup>75</sup> Cf. BONHOEFFER, 2015, p. 99.

<sup>76</sup> Cf. BONHOEFFER, 2015, p. 100.

quem ouve a confissão e absolve, não vive mais só para si, acolhe o irmão, ciente de sua angústia e o consola com as palavras do Evangelho.

Esse consolo é o próprio Deus que abraça e envolve o pecador que se arrepende, e volta a seus braços. “Cristo tornou-se nosso irmão para nos ajudar; e agora o irmão se tornou um Cristo por meio dele, no poder da sua missão”.<sup>77</sup> É Cristo quem morreu de braços abertos, pendurado em uma cruz, abraçando toda a humanidade, trazendo reconciliação com Deus.<sup>78</sup> Deus é como aquele pai, da parábola do filho pródigo,<sup>79</sup> que recebe seu filho, e o abraça, indiferente da sua situação. “Assim é Deus! Ele vem ao nosso encontro. Não importa de onde viemos, quanto tempo estivemos fora: ele vem ao nosso encontro de braços abertos. Esta é nossa grande surpresa: a inesperada e calorosa recepção de Deus”.<sup>80</sup> Quando o cristão confessa seu pecado, permite que Deus esteja o abraçando, o consolando, dizendo que tudo está bem novamente.<sup>81</sup>

Bonhoeffer sistematiza quatro “irrompimentos” que são consequentes da confissão,<sup>82</sup> e que a tornam intrínseca à vida cristã: irrompimento da comunhão – afastado da comunhão por causa do pecado, o irmão é reestabelecido a partir da confissão; irrompimento para a cruz – o cristão, na confissão, carrega a cruz com Cristo e tem parte na sua ressurreição e Vida Eterna, tendo aniquilada toda soberba; irrompimento para a nova vida – o pecador começa a abandonar o pecado, mortifica o velho homem, e passa a viver uma nova vida; irrompimento para a certeza – não se corre o risco de se confessar apenas para si mesmo, vivendo em incerteza, mas com o irmão esse pecado é trazido à luz e se pode experimentar a graça de Deus, a certeza do perdão divino.

Richard Foster condescende com Lutero, quando quer defender a autoridade de todo cristão em ouvir confissões e perdoar pecados.<sup>83</sup> Essa tarefa não deve estar centrada apenas nas mãos dos líderes das Igrejas, mas nas mãos de toda a comunidade. Pois, como disse Bonhoeffer, “confessando-me ao irmão, confesso-me a Deus”.<sup>84</sup> E assim, pecados são externados e trazidos à luz,<sup>85</sup> pois não se confessa unicamente a Deus, mas sim a Deus com um irmão de testemunha.

Foster vê grandes vantagens na confissão individual que são importantes para a Igreja Cristã. Ele percebe que ela ajuda aos cristãos assumirem a culpa para si e não procurarem delega-la a outrem, justamente pois se pode sentir acolhido e abraçado por Deus;<sup>86</sup> que a absolvição traz consolo quando selada pelo Santo Espírito; e que a penitência ajuda o cristão ter uma percepção apurada de seus pecados.

### 3.1 A PRÁTICA DA CONFISSÃO INDIVIDUAL

#### 3.1.1 Como confessar?

Lutero havia contribuído de maneira bem prática para a confissão, trazendo, em seu Catecismo Menor, palavras como devem ser ditas, exemplos de textos bíblicos, de maneira que se enquadre às necessidades de qualquer contexto. Foster olha abundantemente para a compreensão luterana quando escreve sua contribuição de confissão de pecados. Tanto ele,<sup>87</sup> quanto Bonhoeffer,<sup>88</sup>

<sup>77</sup> BONHOEFFER, 2015, p. 98.

<sup>78</sup> Cf. ARBEITSGEMEINSCHAFT MISSIONARISCHE DIENSTE (Org.). **SPUR8**: Entdeckungen im Land des Glaubens. 2.ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlagsgesellschaft, 2013. p.205-206.

<sup>79</sup> Cf. FOSTER, 2007, p. 212, Lc 15.20.

<sup>80</sup> Tradução livre por Paulo A. Butzke, de “So ist Gott. So kommt er uns entgegen. Wo immer wir herkommen, wie lange wir auch weg waren: Er kommt uns entgegen mit offenen Armen. Das ist die Überraschung für uns: Gottes unerwartetes Entgegenkommen.”. ARBEITSGEMEINSCHAFT MISSIONARISCHE DIENSTE (Org.), 2013. p.204-205.

<sup>81</sup> ARBEITSGEMEINSCHAFT MISSIONARISCHE DIENSTE (Org.), 2013. p.205-206.

<sup>82</sup> Cf. BONHOEFFER, 2015, p. 98-102.

<sup>83</sup> Cf. FOSTER, 2007, p. 207

<sup>84</sup> BONHOEFFER, 2015, p. 98.

<sup>85</sup> Cf. FOSTER, 2007, p. 209.

<sup>86</sup> Cf. ARBEITSGEMEINSCHAFT MISSIONARISCHE DIENSTE (Org.), 2013. p.205-206.

<sup>87</sup> Cf. FOSTER, 2007, p. 213

concordam com o que Lutero dizia, de que apenas os pecados concretos devem ser confessados e analisados à luz dos 10 Mandamentos.<sup>89</sup> Não é necessário que o cristão passe por profundos exames de consciência para que todos os pecados sejam confessados – apenas os que angustiam a sua vida, que lhe pesam, tiram o sono, lhe fazem lutar,<sup>90</sup> que lhe separam da comunhão com Deus e com outros cristãos.

Para que exista a confissão, é suposto e adequado que o cristão tenha experimentado um momento de olhar para o seu interior, de autoexame; um momento de contrição do coração, como Lutero havia denominado. Foster quer ressaltar que isso é natural e necessário para que haja a confissão, mas que deve ser aliviado durante ela.<sup>91</sup> Ou seja, o momento de autoexame não perdura até o final da confissão, pois senão o cristão pode acabar por cair em uma vida de autocondenação e autoflagelação. “A confissão começa em tristeza mas termina em alegria”.<sup>92</sup>

Mas para quem se deve confessar? Realmente todos os cristãos estão preparados para ouvir sobre os pecados? Foster diz que os pastores em geral têm ótima qualificação para ouvir sobre os pecados, mas que os leigos são os melhores.<sup>93</sup> Entretanto ele também diz que não é para todo cristão que se pode confessar, pois nem todos estão preparados para tal tarefa. É necessário que o confessor tenha maturidade, e que viva uma vida sob a cruz de Cristo. Bonhoeffer afirma que é importante que não se tenha apenas um único confessor, mas pelo menos mais um, para que não haja uma sobrecarga de quem ouve a confissão,<sup>94</sup> e este momento acabar, por fim, sendo um peso, e não um alívio.

Bonhoeffer enfim aconselha que haja a confissão mútua entre irmãos antes da Ceia, para que assim, possa haver perdão, e os cristãos possam experimentar genuinamente a comunhão. Inclusive, ele sugere que os cristãos tenham um dia estipulado nas vésperas da Ceia para que ocorra a confissão.<sup>95</sup> Entretanto é necessário cuidar para que essa sugestão prática não se torne uma obrigação, pois senão, uma realidade semelhante à da Igreja Medieval seria experimentada: a obrigatoriedade da confissão, tornando-a um fardo, e não um alívio, como deve ser.

### 3.1.2 Como ouvir uma confissão?

Para os que estão do outro lado, sentados atentos a ouvir o que o irmão está a confessar, recebem grandes ensinamentos de Richard Foster. Um cristão não passa a ser um bom confessor da noite para o dia, mas é um processo, que consiste em se colocar sob a cruz de Jesus Cristo, e sujeitar-se a ela.<sup>96</sup> Dessa forma é possível reconhecer que todos os pecados são perdoados por Jesus Cristo, indiferente da sua “gravidade”, e que todos os seres humanos são pecadores e são carentes da glória de Deus. O confessor, ciente de sua condição igual, é capaz de abraçar e acolher o irmão angustiado.<sup>97</sup> Gera no confessor uma proteção contra reações indesejáveis durante a confissão, evitando assim que se escandalize com algum pecado confessado. E isso torna o confessor uma pessoa confiável para quem está confessando.

Foster adverte a necessidade de se estar em constante oração antes e durante a confissão. Deve-se orar para que o Espírito Santo esteja dando percepção da cura que a pessoa necessita,<sup>98</sup> guiando também, em cada detalhe, o momento. Essa oração, em favor do penitente, deve ser

<sup>88</sup> Cf. BONHOEFFER, 2015, p. 102-103.

<sup>89</sup> Cf. LUTHER, 2000, p. 462.

<sup>90</sup> Cf. RISEN SAVIOR LUTHERAN CHURCH, p. 1.

<sup>91</sup> Cf. FOSTER, 2007, p. 215.

<sup>92</sup> FOSTER, 2007, p. 215.

<sup>93</sup> Cf. FOSTER, 2007, p. 216.

<sup>94</sup> Cf. BONHOEFFER, 2015, p. 105.

<sup>95</sup> Cf. BONHOEFFER, 2015, p. 106.

<sup>96</sup> Cf. FOSTER, 2007, p. 216.

<sup>97</sup> Cf. BONHOEFFER, 2015, p. 104.

<sup>98</sup> Cf. FOSTER, 2007, p. 217.

discreta,<sup>99</sup> interna, sem que a pessoa que confessa perceba, pois seria uma inadmissível falta de respeito rogar em voz alta pela ação de Deus.

É extremamente necessário que se evite realizar comentários durante a explanação da confissão.<sup>100</sup> Acaba-se por quebrar a sacralidade do momento quando confessor exagera, comentando sobre as falhas confessadas. O silêncio do confessor é a melhor maneira de demonstrar atenção ao aflito que fala.

Deve-se então acolher com amor a confissão e entregar todos os pecados confessados a Deus, juntamente com o irmão que acabou de se confessar.<sup>101</sup> Essa oração é a concretização de toda compaixão, de amor e de alegria. E anuncia-se então, conforme sugerido por Lutero, as palavras de absolvição, proclamando o perdão concedido através de Jesus Cristo, e o agir do Espírito Santo que molda a vida do cristão conforme a vontade de Deus. Esse é o ápice da confissão, o momento da alegria, de sentir novamente o abraço de Deus, que acolhe o pecador, dando-lhe nova chance. Essa palavra de absolvição é voz do Evangelho, que é proveniente dos céus para quem as ouve.<sup>102</sup> Deus em sua infinita graça, perdoa as transgressões, e coloca o cristão a caminhar, seguindo os passos de Jesus, dando-lhe nova chance de viver uma vida conforme os padrões que Deus quer.

---

<sup>99</sup> Cf. FOSTER, 2007, p. 218.

<sup>100</sup> Cf. FOSTER, 2007, p. 218.

<sup>101</sup> Cf. FOSTER, 2007, p. 219.

<sup>102</sup> Cf. RISEN SAVIOR LUTHERAN CHURCH, p. 1.



## CONCLUSÃO

Para Lutero não existe cristianismo sem confissão de pecados, ambos estão intrinsecamente ligados. Este é o argumento básico que coloca os cristãos a porem a confissão privada em prática. O arrependimento, carregado de contrição e fé, deve ser o impulso para que haja a confissão; e a confissão, impulso para a absolvição, e assim paz para viver e mudança de vida. Onde a confissão individual é esquecida, irmãos acabam por não vivenciarem paz, muito menos comunhão genuína; mas onde lembram da confissão individual, podem ter relacionamento saudável com Deus e com os irmãos.

Jesus deu a primeira ordem para que a confissão sempre ocorra; os apóstolos repetiram essa ordem;<sup>103</sup> Lutero não a obriga, mas admoesta que ela não seja esquecida, pois é fonte de cura para toda Igreja Cristã, e importantíssima para que haja mudança de vida, através do agir do Espírito Santo.

Por ter caráter terapêutico, a confissão privada não deve ser obrigatória, pois acaba sendo tomada como um fardo a ser carregado. Ela deve ser voluntária, e ocorrer quando um coração contrito necessita sentir o abraço de Deus novamente, que acolhe e dá nova chance de nova vida. Quando tomada como obrigatória, qualquer consolo é descartado, e sua identidade é esvanecida em práticas vãs.

E quando a confissão ocorrer, os pecados não precisam ser listados, um a um, após um esforçado exame de consciência, pois é impossível ao ser humano que consiga confessar todos os pecados existentes em sua vida. Mas novamente, por ser terapêutica, a confissão deve acontecer sobre os pecados que perturbam o coração, que impedem o cristão de viver, de servir, e de comungar com os irmãos.

E por tratar de comunhão, a confissão de pecados não deve ser centrada unicamente em algum líder da Igreja, pastor ou missionário, mas pode ocorrer a qualquer irmão. Contudo é importante que ele esteja sob a cruz de Cristo, que seja maduro na fé, e que demonstre o amor de Cristo às pessoas. Ou seja, não é qualquer cristão que está apto para ouvir uma confissão, mas existem muitos leigos que estão disponíveis e preparados para que isso ocorra.

O assunto tem sido pouco comentado e discutido na Igreja moderna, mas precisa ser retomado, e centrado, assim como fizeram Bonhoeffer e Foster. Precisa ser novamente abordado pelos líderes eclesiais, para que os membros da comunhão cristã se estimulem reciprocamente a se confessarem e a caminharem juntos no caminho de Jesus Cristo. Deus está chamando a Igreja Cristã a essa existência, para que a honestidade gere confiança, e que a confiança gere confissão, e que a confissão gere mudança de vida. “Que Deus conceda à Igreja a graça de recuperar a disciplina da confissão!”<sup>104</sup>

---

<sup>103</sup> Cf. FAITH LUTHERAN CHURCH. **Private Confession (Confession and Absolution)**.

<sup>104</sup> FOSTER, 2007, p. 220.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARBEITSGEMEINSCHAFT MISSIONARISCHE DIENSTE (Org.). **SPUR8**: Entdeckungen im Land des Glaubens. 2.ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlagsgesellschaft, 2013.
- BÍBLIA**. Português. Nova Versão Internacional. Traduzido pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2000.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. 10. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015.
- FAITH LUTHERAN CHURCH. **Private Confession** (Confession and Absolution). Disponível em: <[http://faithcapo.com/pages/page.asp?page\\_id=354896](http://faithcapo.com/pages/page.asp?page_id=354896)>. Acesso em: 4 jul. 2016.
- FOSTER, Richard J. **Celebração da disciplina**: o caminho do crescimento espiritual. 2. ed. São Paulo: Vida, 2007.
- HOFSTÄTT, Leandro. **O que é sacerdócio geral de todos os crentes?** Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/sacerdocio-geral-de-todos-os-crentes>>. Acesso em: 29 jun. 2016.
- LINS, Hermman. Penitência e Confissão – Sacramento da Reconciliação. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Kerl-Heinrich (Eds.). **Manual de Ciência Litúrgica**. v. 2. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Recursos Litúrgicos da Faculdades EST, 2013, p. 187-210.
- LUTHER, Martin. **As 95 teses de Martinho Lutero**. Porto Alegre: Concórdia.
- LUTHER, Martin. **Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2012.
- LUTHER, Martin. **Do cativoiro babilônico da Igreja**: um prelúdio. São Leopoldo: Sinodal, 1982.
- LUTHER, Martin. **Vida em Comunidade: Comunidade – Ministério – Culto – Sacramentos – Visitação – Catecismos – Hinos**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.
- MELANCTON, Philipp. Apologia da Confissão. In: DREHMER, Darci (Ed.). **Livro de Concórdia**. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006.
- RISEN SAVIOR LUTHERAN CHURCH. **Private Confession and Absolution: Why?**. 1 panfleto. Disponível em: <<http://nebula.wsimg.com/5a6e81ab60b731a97a03b30c0126d2e1?AccessKeyId=61752DDF3F937D2DE9C0&disposition=0&alloworigin=1>>. Acesso em: 4 jul. 2016.
- SCHWAMBACH, Claus. **Cristãos Protestantes têm confessorário?** Sobre confissão e absolvição. In: Revista Orientação. São Bento do Sul, n. 5, jan.-jun./2016.
- WHITE, James F. **Introdução ao Culto Cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.